

A INSTITUCIONALIZAÇÃO PROFISSIONAL DA ARQUIVÍSTICA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA PANORÂMICA DO BRASIL E CANADÁ

The Professional Institutionalization of Archival Science: a panoramic discourse analysis of Brazil and Canada

Thiago Henrique Bragato Barros

Professor Adjunto na Faculdade de Arquivologia e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação- Universidade Federal do Pará, thiagobarros@ufpa.br

Resumo

Busca-se com este artigo descrever elementos históricos do percurso de associações arquivísticas, um fim de demarcar, como desenvolveu-se o corpo profissional - área em relação a sua institucionalização de seu movimento associativo. Aborda-se da Arquivística por meio da análise, histórico-discursiva. Analisa-se estatutos de duas associações profissionais da área, a Associação de Arquivistas Brasileiros e a Associação de Arquivistas Canadense. Enquanto aporte metodológico fundamenta-se na análise da linguagem francesa, desenvolvida por Michel Pêcheux e o conceito de formação discursiva, apropriado pela área de análise do discurso da obra de Michel Foucault, buscando construir uma análise discursiva das instituições analisadas. Assim, compreende-se as associações, como uma instância significativa e passível de análise buscam-se demarcar a atuação das associações profissionais

Palavras-chave: Discurso; Arquivística; Associações Profissionais

Abstract

The aim of this article is to describe the historical elements of the course of archival associations, an end to demarcate, how the professional body - area was developed in relation to its institutionalization of its associated movement. Archives is approached through analysis, historical-discursive. The statutes of two professional associations of the area are analyzed, the Association of Brazilian Archivists and the Association of Canadian Archivists. While a methodological contribution is based on the analysis of the French language, developed by Michel Pêcheux and the concept of discursive formation, appropriated by the area of analysis of the discourse of the work of Michel Foucault, seeking to construct a discursive analysis of the analyzed institutions. Thus, it is understood the associations, as a significant instance and subject to analysis seek to demarcate the performance of professional association

Keywords: Discourse; Archivistics; Professional associations

1 Introdução

O artigo ora apresentado tem por fundamento o projeto de pesquisa em desenvolvimento no âmbito da Universidade Federal do Pará, sendo uma ramificação de artigos já publicados em 2010, 2013, 2014, 2015 e 2017, especialmente na concepção da Análise do Discurso enquanto metodologia de pesquisa. Portanto, faz-se referência ao longo do texto, aos trabalhos de própria autoria, que fundamentam e sinalizam a abordagem.

A Arquivística ⁽¹⁾ desenvolveu-se historicamente por meio de saltos e mudanças atreladas ao desenvolvimento do estado moderno, das democracias e do direito de acesso à atuação do estado por parte do cidadão. Seu desenvolvimento deu-se entre outras coisas por intermédio do crescimento de corpos representativos que legitimavam a profissão e buscavam, discursivamente, promover corporativamente e cientificamente a área. Esse movimento intensifica-se ao longo do século XX, na medida em que o profissional busca representar e ser representado.

Assim como em outros momentos, essas modificações são impostas de fora para dentro, no sentido de que a arquivística, por suas próprias filiações na produção de sentido e interpretações, a levam a isso, já que os discursos são construídos e fundamentados por meio dessas relações.

No âmbito da Arquivística, vemos três momentos bem marcados dessa assertiva, relacionados num primeiro momento à História, num segundo momento à administração e um terceiro momento à Ciência da Informação. (Barros, 2013; Barros, 2015).

Neste sentido, a própria complexidade da realidade do estado moderno extrapola ao discurso da Arquivística, principalmente dos textos técnicos produzidos nos anos 1970 e 1980, e é neste período que a área começa, ao menos, nas realidades aqui analisadas, a fundamentar-se e estruturar-se, ou seja, o imperativo do desenvolvimento tecnológico, leva dentre outras coisas à organização dos arquivistas enquanto classe e a formulação de políticas ligadas à formação e à atuação. Será neces-

sário então, formação específica, reserva de mercado, para a área.

Já os anos 2000 marcaram uma mudança de terreno em relação aos arquivos e a sociedade e uma crise em relação a esse modelo com o desenvolvimento de plataformas de E-Governo, sistemas de recuperação e organização de arquivos digitais e eletrônicos, ações normativas e normalizadores no âmbito da representação, organização e acesso aos arquivos. São respostas que mudam o cenários e formulações discursivas, fundamentado em mudanças nas relações de poder.

Trabalha-se, como em pesquisas anteriores, por um viés discursivo, neste caso buscando compreender e sistematizar o de duas importantes associações da área, no caso o estatuto da Associação de Arquivistas Brasileiros e a Associação de Arquivistas Canadenses, afim de perceber pontos de convergência e divergência, e suas formulações discursivas.

Assim, a Arquivística e os arquivos são na atualidade uma área e instituições que estabelecem uma série de justaposições práticas e teóricas. Atravessados transversalmente por relações científico-profissionais que refletiram e reiteraram em maior ou menor grau no desenvolvimento de métodos, políticas e técnicas relacionadas à aquisição, organização, seleção, difusão e acesso aos documentos arquivísticos, conforme pesquisas recentes (Barros, 2017).

Discute-se o histórico e aparecimento destes corpos associativos de acordo com pesquisas anteriores (Marques, 2011; Silva, 2015) das realidades brasileira e canadense (Swift, 1977; Eastwood, 1985) e o atual estágio dessas associações.

A relevância do tema e abordagem consolidada no âmbito da linguística e encampada e bastante discutida no âmbito da Ciência da Informação, e que tem produzido algumas reflexões principalmente numa perspectiva arqueológica do discurso, justifica os resultados ora apresentados, uma vez que, trata-se de uma pesquisa teórica e documental que visa constituir e sistematizar o percurso histórico do movimento associativo em arquivística.

2 Análise do Discurso Francesa: aspectos metodológicos para uma análise

Compreendemos a análise do discurso (doravante denominada AD) como um desdobramento teórico da efervescência filosófica, científica e política da França do final dos anos de 1960. Filia-se, portanto, aos estudos de discurso desenvolvidos por Michel Pêcheux e seus desdobramentos nos anos 1970 e 1980 (Barros, 2017).

A AD, desde seu início, tratou-se de uma mudança de terreno em relação aos estudos da linguagem e da própria ideologia. Suas filiações teóricas estão bem demarcadas entre o marxismo - por meio do materialismo

histórico - e a linguística - por meio da teoria de enunciação e do desenvolvimento de uma teoria própria filiada ao discurso-, ou seja, trata-se, acima de tudo, de uma abordagem interdisciplinar e à esquerda do espectro político, mas não limitada a isso.

Tem-se desenvolvido uma trajetória de pesquisa nos últimos 12 anos estudando aspectos constituintes e norteadores da Arquivística por intermédio da análise do discurso enquanto um procedimento de pesquisa e mais recentemente, a organização do conhecimento e Ciência da Informação. Para a análise do discurso a produção textual funciona como um objeto de inscrição do discurso e da ideologia, o discurso é, então, um espaço aberto que parte da língua, já que a materialidade é o texto e é atravessado pela ideologia, circunscrito por sua própria história. Na literatura sobre Análise do Discurso é possível encontrar, atrelada ao conceito de discurso, a metáfora que relaciona o discurso com uma rede de sentidos que se transformam em um tecido discursivo (Barros, 2015).

Em Ferreira (2007, p.19), a relação metafórica é assim exposta:

A rede, como um sistema, é um todo organizado, mas não fechado, porque tem os furos, e não estável, porque os sentidos podem passar e chegar por essas brechas a cada momento. Diríamos, então, que um discurso seria uma rede e como tal representaria o todo; só que esse todo comporta em si o não todo, esse sistema abre lugar para o não sistêmico e o não representável.

O objeto da AD não é a língua em si ou suas produções. O discurso necessita dos elementos linguísticos, implicações de uma exterioridade à língua. Ele tem reflexo no texto, mas envolve questões que vão além do âmbito linguístico, neste caso seus aspectos ideológicos e sociais a que as palavras remetem quando são escritas ou faladas. (Barros, 2015). Existindo, então, “furos” no texto que remetem à sua construção social, ideológica, histórica, interpelados pela ideologia e pelo subconsciente. Por isso, pode-se dizer que o discurso é a “palavra em movimento, prática de linguagem” (Orlandi, 2007, p.15).

Henry (1997, p.38) relata: “Existem muitos pontos de contato entre aquilo que Michel Foucault elaborou no que se refere ao discurso e aquilo que fez Michel Pêcheux, pelo menos no nível teórico. [...] Uma noção de ‘formação discursiva’ que tem alguns pontos em comum”.

A noção de formação discursiva, como uma instância superior ao próprio discurso do texto, faz-se fundamental em nossa análise, a medida que os textos, sempre se remetem à sua exterioridade, discursiva e ideológica. Orlandi (2007, p. 43) esclarece o seu funcionamento:

O discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mes-

mas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. [...] deste modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele.

A formação discursiva constitui-se, então, como um espaço, do que pode ser dito em relação a um determinado “discurso”, ou seja, o seu universo de formulação e de sua prática, assim as palavras não têm sentido nelas mesmas, seu sentido será determinado por instâncias, psíquicas, ideológicas, sociais à compreensão de enunciado e à produção de sentido, não se dá na estrutura, mas no acontecimento (Barros, 2017).

Afim de exemplificar a perspectiva, em artigo anteriormente publicado, compreendeu-se aqui a Arquivística e os arquivos enquanto um espaço discursivo. Estudar as minúcias enunciativas e seus desdobramentos, pressupõe, então, um trabalho profundo de análise e interpretação por parte do analista (Barros, 2017).

Analisar o discurso pressupõe um trabalho do analista, isto é: definir e delimitar objeto que será analisado, dentro de uma gama ampla e de uma infinidade de textos possíveis. Para se analisar um discurso, é necessária a construção de um corpus de análise. “O analista do discurso não é uma pessoa neutra. Nunca. [...] Ele deve, igualmente, construir um observatório para si” (Mazière, 2007, p.23).

Portanto, é necessário que o analista tenha uma posição crítica em relação ao objeto que analisa e que por meio de sua tomada de decisão em relação à análise ele pode privilegiar uma posição em relação à outra e que ele deve deixar claro suas posições em relação ao que analisa.

Pecheux e Fuchs, em seu célebre texto de 1975, que atualiza a análise automática do discurso, sintetizam os procedimentos para uma (possível) análise do discurso, do seguinte modo:

Superfície linguística: entendida no sentido de sequência oral ou escrita de dimensão variável, em geral superior à frase. Trata-se aí de um “discurso” concreto, isto é, do objeto empírico afetado pelos esquecimentos 1 [inconsciente] e 2 [consciente], na medida mesmo em que é o lugar de sua realização, sob a forma, coerente e subjetivamente vivida como necessária de uma dupla ilusão;

- Objeto discursivo: entendido como o resultado de transformação da superfície linguística de um discurso concreto, em um objeto teórico, isto é, em um objeto linguisticamente dessuperficializado, produzido por uma análise linguística que visa anular a ilusão nº2;
- Processo discursivo: entendido como o resultado da relação regulada de objetos discursivos correspondentes a superfícies linguísticas que derivam, elas mesmas, de condições de produção estáveis e homogêneas. Este acesso ao

processo discursivo é obtido por uma dessintagmatização que incide na zona de ilusão–esquecimento nº1 (Pecheux e Fuchs, p.180, 1975).

A AD, por intermédio de sua abordagem, visa desnudar a atuação da ideologia, esquecimento número 2, retirando do texto, por meio da teoria da enunciação, a aparente naturalização presente nas produções textuais e por fim por meio da teoria do discurso, trabalhar a questão da dessintagmatização e chegar ao centro destes esquecimentos que é subconsciente.

Análise do discurso ficará por meio desse texto conhecida como uma teoria não subjetiva do sujeito, a medida que busca nos textos desvendar as relações entre as ideologias, as instituições e os sujeitos. Cabe-se aqui então clarificar que é essa justamente a posição que se visou ao longo da trajetória de pesquisa, desnudar ao menos as relações entre os textos técnicos científicos e sua historicidade e ideologia. Filia-se, portanto, à matriz francesa em análise do discurso, calcado fortemente nos estudos de Pêcheux sobre discurso (Barros, 2017).

Tendo como fundamento esse arcabouço conceitual, procedeu-se análise das associações propostas.

3 Associativismo e Arquivista: histórico Brasil-Canadá

Refaz-se o percurso histórico da constituição do movimento associativo nos contextos canadense e brasileiro, construindo uma justaposição de ambas as associações, sem buscar ser profundamente descritivo.

3.1 Association of Canadian Archivists

A década de 1970 demarcou uma época de profícuas discussões e o início de uma independência institucional, ao menos no nível profissional, entre os arquivistas e historiadores, no cenário canadense.

É neste cenário que se inicia, a partir de 1972, o processo que irá levar à separação da *Canadian Historical Association* (CHA) e a criação da *Association of Canadian Archivists*(ACA).

Nesmith (2013) ⁽²⁾ descreve que a criação da ACA promoveu, em algumas situações, discussões acaloradas sobre: (i) o que define ser um arquivista no Canadá e o que ele precisa saber para ser o arquivista que ele deveria ser; (ii) se o arquivista era (é agora) um profissional realmente distinto – não um dissidente da profissão de historiador; e (iii), mais importante, o que fazia dele um profissional distinto?

Eastwood (1985), em sua análise crítica do papel da associação – 10 anos depois de sua fundação –, estabelece dois motivos centrais para a dissociação do grupo dos historiadores. O primeiro deles era a necessidade de dar mais visibilidade para os arquivos na vida cultural canadense. A área teria, em primeira instância, uma voz que representaria a perspectiva

arquivística em grupo mais amplo de organizações e pessoas. "Os arquivos teriam seu lugar ao sol" (Eastwood, 1985 p.187, tradução nossa). O segundo motivo era o desejo dos membros da associação de criar a base para uma profissão e iniciar um debate mais efetivo no que se relacionava à formação de arquivistas no país.

É perceptível, nos relatórios da seção de arquivos nos eventos da CHA durante 1970-1972, o início do debate e o embate pela manutenção ou separação da CHA. Alguns arquivistas, em um primeiro momento, defendiam a separação buscando uma aproximação com os *records managers*; outros defendiam a manutenção da ligação com os historiadores na medida em que eles passavam por situações analíticas semelhantes no período e a CHA dava um suporte financeiro e logístico à seção, diferente da *Society of American Archivist*, que passava por dificuldades financeiras na época.

Porém, conforme a área passa por mudanças na esfera prática, com aumento expressivo da quantidade de arquivistas, surgiria a necessidade de ampliação e de institucionalização, um movimento associativo dando maior apoio às instituições arquivísticas e aos arquivistas, o ponto final para a separação.

Como destaca Eastwood (1985), a necessidade cada vez maior de se discutir a formação e o estabelecimento de cursos mais regulares a respeito da teoria arquivística só terá um reflexo mais efetivo na década de 1980, com o estabelecimento do primeiro *Master em Archival Studies*, em 1981.

A criação da Associação foi, sem dúvida, um passo fundamental para a ampliação institucional do arquivista enquanto um profissional e da Arquivística enquanto uma área especializada.

Assim, a ACA foi, ao longo dos anos 1980, 1990 e 2000, uma importante referência congregando anualmente em conferências anuais e periódico especializado, diretrizes para o aparecimento dos *masters em Archival Studies* ou seja, responsável pela institucionalização da arquivística enquanto uma prática científica e profissional. Faz-se uma análise de seu estatuto mais recente, publicado em 2013.

3.2 Associação dos Arquivistas Brasileiros (AAB)

Tendo por base as pesquisas desenvolvidas por Marques (2010) e Silva (2015), discorre-se de forma concisa sobre a AAB e sua formulação.

De acordo com Silva (2013), os anos de 1970 representaram uma mudança na organização das profissões, no caso da AAB o autor destaca que "alguns coletivos profissionais buscaram a organização da categoria fora do sistema sindical e esse foi o caminho tomado pelos profissionais de arquivo ao criarem [AAB]" (Silva, 2013, p.37)

Assim, a trajetória da AAB, ainda que em um estado periférico e em plena ditadura civil-militar, tem seus objetivos, finalidades e debates semelhantes aos da ACA. Tratava-se de acordo com autores citados anteriormente, de um projeto voltado primeiramente para 1) construção de uma carreira arquivística de nível superior; 2) construção de dispositivos legais para a reserva de mercado para o arquivista; 3) desenvolvimento de um corpo conceitual-técnico responsável por construir discursos que legitimasse o primeiro e fundamentasse o segundo.

Os anos 1970 representaram, por intermédio deste corpo associativo, o desenvolvimento do já-dito sobre Arquivística no cenário brasileiro.

Durante a década de 1970 o associativismo arquivístico realiza um trabalho de memória em seu discurso sobre o processo de institucionalização da área, em curso naquele período, que produz efeitos de glorificação própria. Desde o início do movimento se anuncia de modo triunfal demarcando [seu reconhecimento] (Silva e Orrico, 2015, p.96).

A construção de enunciados formuladores irá, assim como na Arquivística Canadense, impulsionar uma série de ações institucionalizadas, como a formulação do I Congresso Nacional de Arquivologia e do currículo mínimo para o curso de nível superior, e a publicação de um periódico técnico-científico, enfim uma gama profunda de ações, que irao desdobrar-se ao longo dos anos 1980, 1990 e 2000.

Como destaca Jardim,

Na segunda metade dos anos 70, são criados três cursos de graduação em Arquivologia em universidades federais em que pese então o frágil desenvolvimento cognitivo da área no Brasil. Encontra-se, provavelmente, na precipitação deste processo, as raízes dos problemas atuais de ensino e pesquisa em Arquivologia nas universidades brasileiras [...] Neste quadro, a regulamentação da profissão de arquivista e técnico de arquivo não foi menos precipitada, gerando mecanismos de exclusão e inclusão no exercício da profissão. Este processo se deu em relação às demandas quantitativas do mercado e às dificuldades de atender às necessidades de um país da extensão do Brasil, formando-se apenas algumas dezenas de profissionais no Rio de Janeiro e no interior do Rio Grande do Sul (Jardim, 1995, p. 77-78).

Em relação a constituição de ambas associações, no que pese o desenvolvimento de técnicas e metodologias de trabalho, serão profundamente similares até a década de 1980. Situações como as destacadas por Jardim, irão, ao logo dos anos 1980 e 1990 provocar fissuras no movimento associativo brasileiro.

Porém, existirão ao longo de sua trajetória pontos comuns.

Cabe destacar que, considerando o que foi pautado por Jardim, citado anteriormente, a falta de continuidade das ações ou pelo recorrente estado provisório dos corpos associativos brasileiros, a AAB encerrou suas ati-

vidades em meados de 2015 e uma lacuna profunda abriu-se no ambiente associativo brasileiro.

3.3. Dispositivos de análise: os estatutos

A análise dos estatutos ocorre de acordo com o que estabelecemos em relação a Pêcheux e Fuchs, em seu célebre texto de 1975, e em formato de análise desenvolvido em artigo publicado em 2017 e 2015. Destaca-se que fala-se, aqui, do mesmo conjunto de formações discursivas que relacionam ambas as associações.

Iniciando pela análise do *by law* da ACA, analisa-se apenas os artigos que estabelecem sua natureza:

<i>Enunciação/superfície-linguística</i>
a. To provide leadership to and facilitate communication among persons engaged in the discipline and practice of archives b. To promote professional development and recognize education programs pertaining to archives; c. To contribute to the development of standards of archival practice and professional conduct; d. To advocate for archival concerns with law-makers and other decision-making bodies; e. To promote public knowledge and appreciation of archival work and the functions of archivists in preserving evidence, cultural heritage, and identity.
<i>Esquecimento nº2 /paráfrases</i>
Desenvolvimento de normativas – prática e conduta profissional Articular preocupações arquivísticas aos corpos decisório Promoção do trabalho arquivístico- e suas relações com prova, identidade e legado cultural
<i>Discurso/ Esquecimento nº1</i>
O discurso constrói-se em três vertentes: 1) construir arcabouços conceitual e normativas para a prática da profissão 2) articular no âmbito de um projeto e de formações discursivas que visam a) legitimar a profissão, b) promover os arquivos enquanto legado cultural.

Quadro 1. *Análise discursiva do by law ACA, 2013*
Fonte. *Elaboração do próprio autor, 2017*

E, por fim, os artigos que estabelecem a natureza da Associação de Arquivistas Brasileiros:

<i>Enunciação/superfície-linguística</i>
Associação dos Arquivistas Brasileiros, fundada em 20 de outubro de 1971, é uma sociedade civil de direito privado, cultural, sem fins lucrativos, que tem como objetivos estimular o desenvolvimento da arquivologia no Brasil e promover a capacitação profissional e o saber do arquivista por meio da organização de eventos científicos. Trabalha em prol da implementação e aperfeiçoamento de políticas públicas arquivísticas, bem como da carreira do arquivista e do profissional de documentação e informação que atua nos arquivos. A Associação também presta assessorias e serviços profissionais na área da arquivologia, no âmbito da administração pública e privada, e mantém intercâmbio entre os profissionais e instituições da área no Brasil e no exterior. Publica a revista Arquivo & Administração desde

1972, com o propósito de constituir um espaço de difusão do saber arquivístico. Produzidos por profissionais de documentação e informação, seus artigos destacam-se na comunidade por apresentar não só a prática arquivística, mas também as mais distintas reflexões no campo teórico

<i>Esquecimento nº2 /paráfrases</i>
Promover capacitação profissional e o saber arquivístico Políticas públicas arquivísticas A carreira do arquivista Mantém intercambio Publica revista Reflexões alem da prática arquivística
<i>Discurso/ Esquecimento nº1</i>
Repretem-se as formações discursivas encontradas anteriormente, formula-se a construção de conhecimento no âmbito dos arquivos, a construção de uma agenda de políticas públicas, reservar e preservar o mercado para o arquivista e busca construir um discurso que leve a arquivística a um status científico

Quadro 2. *Análise discursiva de estrato do estatuto AAB*
Fonte. *Elaboração do próprio autor, 2017*

A partir das análises efetuadas é possível perceber que, discursivamente, ambas associações possuem mais semelhanças que diferenças e seu discurso remete a formações discursivas similares, deste modo, construiu-se a visualização a seguir:



Gráfico 1. *Formações discursivas encontradas*
Fonte. *Elaboração do próprio autor, 2017*

4 Considerações Finais

Buscou-se neste artigo discutir de forma panorâmica a construção de duas importantes associações no cenário da América. Viu-se que embora separadas geograficamente, as construções de seus discursos datam do mesmo período e formulam suas formações discursivas de modo semelhante.

As associações profissionais servem como uma congregação e difusão de discursos construídos e voltados

para a institucionalização de práticas técnico-científicas, articulação com corpos legislativos e promoção da questão dos arquivos e da Arquivística.

Destaca-se, também, que a Análise do discurso enquanto metodologia de pesquisa tem apresentado resultados importantes para o desnudamento das posições e de formações discursivas no âmbito da Arquivística.

Notas

- (1) Optou-se por chamar de Arquivística e não de arquivologia e com letra maiúscula, o nome da área do conhecimento que trabalha com os arquivos. Essa opção deu-se por uma vertente e uma perspectiva própria em relação à terminologia da disciplina dos arquivos e da compreensão de que nomes de disciplinas e ciências em textos acadêmicos devem iniciar sempre com letra maiúscula.
- (2) Nesmith, Tom. The Foundation of ACA. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por: <thiagobarros@shaw.ca>. em: 10 jan. 2013.

Referências

- Barros, T. H. B.; Moraes, J. B. E. (2010). From archives to archival science: elements for a discursive construction // Gnoli, C. (Ed.). Paradigms and conceptual systems in Knowledge Organization, Würzburg, Ergon, 388-404.
- Barros, T. H. B. (2013). Os Arquivos, A Arquivística e o Discurso: alguns marcos históricos e conceituais. // Informação Arquivística 1:2 (2013)135-157
- Barros, T. H. B. (2014). Por uma arqueologia da arquivística: elementos históricos de sua constituição. // Informação Arquivística 2:3 (2014) 6-28.
- Barros, T. H. B. (2015). Uma trajetória da arquivística a partir da análise do discurso: inflexões histórico-conceituais, Ed UNESP, São Paulo, 2015.
- Barros, T. H. B. (2017). Discurso, Documento e Arquivística: Trajetória de uma área. // Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia 12:2 (2017) 97-110.
- Eastwood, T. (1985). Going Nowhere in Particular: The Association of Canadian Archivists ten years after. // Archivaria 21:2 (1985) 176-190
- Ferreira, M. C. L. (2007) O quadro atual da análise do discurso no Brasil um breve perâmbulo. // Ferreira, M. C. L.; Indursky, F. (eds.). Michel Pêcheux e Análise do discurso: uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz (2007) 13-22.
- Henry, P. (1997). Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). // Gadet, F; Hak, T. Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux, Editora da Unicamp, Campinas, (1997) 13-36
- Jardim, J.M. (1995). Sistemas e políticas públicas de arquivos no Brasil. Ed. da UFF, Niterói, 1995.
- Marques, A. A. C. (2007) Os espaços e os diálogos da formação e configuração da Arquivística como disciplina no Brasil. Dissertação (Mestrado em Ciência da informação), Brasília, Universidade de Brasília, 2007.
- Marques, A.A.C. (2011) Interloquções entre a arquivologia nacional e a internacional no delineamento da disciplina no Brasil. Tese (Doutorado) -, Brasília, Universidade de Brasília, 2011.
- Mazière, F. (2005). L'Analyse du Discours. Presses Universitaires de France, Paris, 2005.
- Orlandi, E. P. (2007a). A análise do discurso em suas diferentes tradições intelectuais: O Brasil. // Ferreira, M.C.L.; Indursky, F. (eds.). Michel Pêcheux e Análise do discurso: uma relação de nunca acabar. 2.ed. São Carlos: Claraluz (2007a)75-88.
- Orlandi, E.P. (2007b). Análise de discurso: princípios e procedimentos Pontes, Campinas, 2007.
- Orlandi, E.P. (2002). A análise de discurso e seus entremeios: notas a sua História no Brasil. // Caderno de Estudos Linguísticos 42:1 (2002) 21-40.
- Orlandi, E. P. (2009). Claude Lévi-Strauss, Michel Pêcheux e o estruturalismo. // ComCiência 108:1 (2009) 1-3.
- Pêcheux, M.; Fuchs, C. (1997). A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). // Gadet, F.; Hak, T. Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp (1997) 163-252.
- Pêcheux, M. (2009). O estranho espelho da análise do discurso. // Courtine, J-J. (org). Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Calors: EDUFScar (2009) 90-110.
- Silva, E. P. (2013). Memória e discurso do movimento associativo na institucionalização do campo arquivístico no Brasil (1971-1978). Tese (Doutorado), Memoria Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2013
- Silva. E. P.; Orrico, E. G. D. (2015). O projeto da Associação dos Arquivistas Brasileiros para o campo arquivístico. // Perpectivas em Ciência da Informação 23:3 (2015) 85-110
- Swift, M. D. (1997). Association of Canadian Archivists, Directory of Canadian Records and Manuscripts Repositories review// Archivaria 4:1 (1977) 239.

Copyright: © 2017. Barros. This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons CC Attribution-ShareAlike (CC BY-SA), which permits use, distribution, and reproduction in any medium, under the identical terms, and provided the original author and source are credited.